

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	27.º Anno — XXVII Volume — N.º 913	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUQUEIRO, 25 A 33
Portugal (franco de porte, (m. forte)	38800	18900	6950	120	10 DE MAIO DE 1904	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	8000	160		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	28500	9500	180		



GUILHERME D'AZEVEDO

Desenho original de Raphael Bordallo Pinheiro em 1882

LOLGAMOS de, decorridos vinte e dois annos que este grande espirito se apagou, vêr os seus conterrancos prestarem homenagem á memoria de Guilherme d'Azevedo celebrando em sua honra um sarau litterario e artistico no Gremio de Santarem.

De todo o coração nos associamos a essa homenagem prestada a um dos fundadores do OCCIDENTE, onde deixou inolvidaveis paginas de delicioso humorismo e fina critica á sociedade do seu tempo, n'aquelle estylo inimitavel, unico que era o segredo da sua pena, a feição do seu talento.

O poeta da *Alma Nova* revelára as suas ideias avançadas no jornal *O Alfageme* por elle fundado na sua terra natal, mas isso longe de lhe attrahir as sympathias de seus conterrancos, produziu escandalo no meio pacato e conservador da terra de provincia onde mal apreciaram toda a grandeza da sua alma.

Guilherme d'Azevedo veiu para a capital e aqui affirmou o seu valor na originalidade da sua critica sarcastica, mas sempre polida.

As suas «*Cartas de um Birman*» publicadas no *Diario da Manhã* fizeram época, como os seus *cris-cris* no mesmo jornal. Os *zigs-zags*, na *Gazeta do Dia*, foram uma novidade.

Todos admiravam a fina critica de aquelles escriptos, mas poucos conheciam o auctor.

Em setembro de 1887 reunia Caetano Alberto, no seu atelier

de gravura da rua do Loreto 43, Manoel de Macedo e Brito Rebello para tratar da fundação de uma revista illustrada, Era preciso, porém, um chronista e para isso foi lembrado Guilherme d'Azevedo.

Pois convida-se Guilherme d'Azevedo. Elle aceitou o cargo e baptisou a nascente revista com o nome de OCCIDENTE, que ha vinte e sete annos vem registrando em suas paginas a vida d'este cantinho occidental da Europa.

Pouco depois regressava do Brazil Raphael Bordallo Pinheiro e fundava com Guilherme d'Azevedo essa memoravel folha humoristica o *Antonio Maria* em que ambos lançaram a flux prodigios de talento e graça.

Guilherme d'Azevedo triumphava enfim, e o nome do poeta da *Alma Nova* apparecia aureolado da luz do talento em todo o seu esplendor.

O theatro tambem o tentou e produziu o *Rosalino*, peça que re-fundiu de uma sua primeira tentativa, e que obteve um exito colossal de gargalhada no Porto e em Lisboa. Ainda para o theatro escreveu de collaboração com Guerra Junqueiro a *Viagem á Roda da Parvonía* sob o pseudonimo de commendador Gil Vaz. A peça subiu á scena no theatro do Gymnasio em a noite de 17 de janeiro de 1879. A critica era de tal ordem e as carapuças tão bem talhadas que produziu enorme escandalo na plateia, que se dividiu em partidos, e a auctoridade mandou immediatamente retirar a peça, apesar d'então não haver os rigores da censura que ha hoje.

N'essa mesma noite Caetano Alberto propunha aos auctores editar a obra e d'ali a um mez sahia o livro a publico em Lisboa apparecendo pouco depois no Rio de Janeiro para onde fôra uma grande parte da edição.



QUARTO DE DORMIR E DE TRABALHO DE GUILHERME D'AZEVEDO, NA CASA DO «BOULEVARD» ST. GERMAIN 88, EM PARIS

Desenho original de Raphael Bordallo Pinheiro, em 1882

Guilherme d'Azevedo era já apreciado no Brazil, e a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, convidou-o para seu correspondente em Paris.

A ideia de ir viver em Paris sorriu-lhe, e Guilherme d'Azevedo partiu para a grande capital em fins de agosto de 1880, e ali se estabeleceu na rua Cujas n.º 16, mudando-se pouco depois para o *boulevard St. Germain* 88.

Ali tinha o seu quarto de dormir e de trabalho. Ali escrevia as correspondencias para a *Gazeta de Noticias* e para o OCCIDENTE e preparava um grande guia pittoresco de Paris que devia ser illustrado por Bordallo Pinheiro.

Pouco se logrou, porém, o pobre Guilherme da sua nova situação. Uma doença antiga de que elle nunca se quiz tratar, foi produzindo os seus estragos e teve o desenlace final no dia 6 d'abril de 1882, na casa de saude Dubois, no faubourg St. Diniz.

Guilherme d'Azevedo exalou o ultimo suspiro, nos braços do seu querido amigo Raphael Bordallo Pinheiro, que então se encontrava em Paris.

O seu cadaver foi sepultado no cemiterio de St. Ouen.

Quando um grupo de amigos o quiz trasladar para Lisboa, já não era tempo. Tinham decorrido cinco annos e os restos de Guilherme d'Azevedo haviam sido trasladados para a vala commum.

Que ao menos se conserve sua memoria.

R.



Chronica Occidental

Com assistencia de S. Magestades realisou-se hontem na Academia Real das Sciencias de Lisboa a sessão solemne em que pelo socio, nosso querido amigo, Henrique Lopes de Mendonça, foi lido o elogio funebre de Manuel Pinheiro Chagas.

Adeante damos um extracto da bella oração recitada pelo illustre academico. Lopes de Mendonça succedeu a Pinheiro Chagas na cadeira que tão dignamente occupa; competia-lhe por isso fazer o elogio do seu predecessor. O talento com que soube desempenhar a honrosa missão disseram-lh'o os applausos que recebeu. Não fossem leis de etiqueta, Lopes de Mendonça obtivera uma das mais extraordinarias ovações de sua vida gloriosa. Facil lhe foi decerto e gostoso o dever; facil porque o talento de Pinheiro Chagas espalhado por toda a sua obra é fecundo inspirador, gostoso, porque não ha quem, de mais ou menos perto havendo conhecido o formoso coração do escriptor, não tenha por sua memoria a mais arreigada sympathia.

Sob muitos pontos de vista se pôde considerar o escriptor, homem cuja força de trabalho maravilha ainda os mais desconhecedores de quanto derranca a obra intellectual. Onde elle ia buscar a energia, digam-o quantos souberam de sua extraordinaria dedicação aos seus, do muito que por elles luctou, de quanto seus braços abarcavam e estreitavam milagrosamente.

Não conheci muito intimamente Pinheiro Chagas a quem, aliás, devi as maiores delicadezas; mas fui intimo de alguns intimos seus, de Gervasio Lobato e de Urbano de Castro, que muita vez me contaram pasmados a porção de trabalho que a lucta pela vida exigia d'elle em cada dia.

Não cito simplesmente um facto. Esse homem que tanto andou na politica, precisou, antes, no tempo e depois que foi ministro, de trabalhar incessantemente, sem repouso, para que os seus

vivessem com uma commodidade relativa. Faz isto não sómente honra a seu coração, se bem repararem; maior é a sua honra que, mais uma vez com a simples narrativa, do facto se exalta e rebrilha.

Como poeta principiou a tornar conhecido o seu nome, e logo depois como folhetinista por sua graça, muito sua. Um grande numero de romances, originaes alguns, outros traduzidos, foram seu ganha-pão, augmentaram-lhe a fama. A grande gloria, porém, alcançou-a no theatro com a sua primeira peça *A Morgadinha de Valflor*.

Conquistou então um dos mais altos logares na litteratura portugueza. Subiram entretanto suas ambições. Sem abandonar o theatro nem outros generos da litteratura a que se dedicára, entrou na politica e como orador e jornalista raros parceiros teve. Tomou conta da pasta da marinha, n'um ministerio regenerador, e provou no logar para que havia muito, o indicaram a vastidão de seu talento, a sua malleabilidade.

Quando Pinheiro Chagas falleceu, não foi apenas um lucto para a litteratura, foi lucto nacional n'esta patria que elle tanto amou, foi lucto e doloroso para quantos o conheceram, em tudo brilhante, no talento, no espirito, no character e no coração.

O theatro que lhe deu sua primeira grande gloria foi por elle amado apaixonadamente. Sua ultima obra, para o theatro a escreveu. Do palco sahio n'essa primeira representação para o leito a que o foi buscar a morte.

Nem quando ministro deixou de frequentar os palcos. Amava a arte acima da politica, e o theatro, acima de toda a arte.

Se elle o visse agora, como decahiu! Culpa de quem? De todos; dos que para tal decadencia contribuem directamente n'um estonteamento de lucros, empresarios, auctores, actores, traductores sem sombra de conhecimentos da lingua de que traduzem, da lingua em que traduzem; mas não só estes são culpados; mais culpado é quem os atura. Ha excepções? Decerto; mas quem dá por ellas em tamanha confusão?

Ha dias, despediu-se do theatro D. Amelia a illustre Bartel, que entre nós representou algumas obras primas do velho e do novo repertorio do theatro francez. Noites consagradas á verdadeira arte foram algumas d'essas, involvidaveis. Bartel dizendo versos de Musset, de Victor Hugo ou de La Fontaine, vale mais ás vezes, como arte, do que muito drama sem sentimento ou muita comedia de qui-pro-quos sem mais graça, como que por ahi, muita vez, companhias nacionaes e estrangeiras nos mimoseam sem piedade.

Foi-se a Bartel, veio a zarzuela entrou a alegria no theatro com a musica de Chueca e Valverde e quantos mais que sabem sempre encontrar compassos novos para dar vida a themas ainda muito mais velhos que o do Marcellino de Mesquita. A musica desculpa sempre o cansasso das moias de comedia; os actores hespanhoes dão quanta graça e vivacidade tem lá dentro; ás vezes, nem até por muitos repetidos deixam de provocar o riso certos typos, e diga-se a verdade toda, chega a acontecer na musica ou no poema encontrarem-se verdadeiras perolas.

Por mim confesso que prefiro a *Verbena de la Paloma* a muitas das operas a serio com que se maça por vezes o proprio snobismo de S. Carlos.

Emquanto francezes e hespanhoes conquistaram o publico do theatro D. Amelia, a companhia portugueza, em Santarem, Coimbra e agora no Porto, conquista applausos, levando em sua bagagem um immenso repertorio.

Foi no theatro de D. Maria que se refugiaram agora os que ainda conservam o antigo amor á palavra portugueza, applaudindo Palmyra Bastos na recita em seu beneficio.

Mas o tempo do drama está a acabar; em meados de maio já não se está muito disposto para commoções violentas. Para rir é que sempre é tempo. Quem sabe se as peças de Hervieu não foram prejudicadas no theatro D. Amelia por terem vindo quando já cá tinhamos em meio a primavera?

E depois... dramas ha tantos! Queria a gente fugir d'elles e afinal encontra-os na rua, a cada passo. Veem ter conosco quando mais descuidados caminhamos. Ha-os retumbantes, com gritos de desespero e correrias; ha-os silenciosos, com gemidos abafados. Dos primeiros todos se occupam, e exclamações de horror acolhem sua leitura nos jornaes, como foi esse que ha tres dias se deu em Lisboa; os outros passam despercebidos á maior parte; umas pasadas de terra n'um cemiterio lhes põem ás vezes fim, o que é de pouco effeito para quinto acto e tão vulgar que nem merece ser falado.

Dramas em plena luz, dramas na sombra, dramas em que o ciume ou a vingança explodindo fazem de cada espectador um comparsa, dramas em que as lagrimas que se hão de chorar um raio de sol nunca illumina, a uns e outros não faltam, mas só os primeiros são falados e discutidos.



CAPITÃO JOÃO JOSÉ RODRIGUES BAPTISTA

E é tanto assim, que o soldado que matou no quartel da Estrella o capitão e o alferes da sua companhia, no mais lido jornal de Lisboa foi procurar refugio. Queria contar as razões do crime, queria que todos soubessem da justiça que lhe assistia á vingança. Elle bem sabia que seria discutido o caso; queria que fosse conhecido seu depoimento.

Um doido?... Parece que sim. Compaixão merece decerto, talvez tanta como os desgraçados assassinados.



ALFERES ARTHUR DOS SANTOS RIBEIRO

Nem sabe a gente qual a lastima maior, se ver viuva e filhos chorarem a morte d'um marido, d'um pae estremecido, cujo nome pronunciam entre soluços se, na casa pobrezinha ver duas creanças mais infelizes do que se foram orphãs, muito mais, pedirem pão a uma pobre mulher, mais desgraçada no mundo do que o seria talvez, se á cova o marido houvesse descido, em vez de descer ao crime.

E' triste para um militar morrer ás mãos d'um companheiro, subordinado ou não, quando todos para um ideal commum, e dos maiores, haviam jurado levar a vida. E só esse ideal pode servir de desculpa ao sacrificio que se faz do que mais pode ser estimado por um homem, do que mais deve constituir a sua força: a liberdade.

Morrem na guerra aos milhares japonezes e russos; fazem-o cumprindo o que se chama um dever. Mas morrer assim, ao acedo d'um delirio, deixar mulher e filhos porque um doido descarrega uma arma contra um peito, morrer quando meio minuto antes se contava plenamente com a vida! E' medonho, não é? Quem de tal não se horrorisaria de ser cumplice!

De pequenas coisas, vá, que pouco importa. Diz um jornal, por exemplo, que anda por ahi cantando uma pequenina que decerto não tem idade para saber a malicia com que a ensaiaram a sublinhar horrores. Nas bochechas da auctoridade e com applauso do publico, um malandrão qualquer, explorando o que ha de mais vil, assim vai mettendo uns cobres no bolso e alastrando



MANUEL PINHEIRO CHAGAS, EM 1865

uma veneravel barriga. E' natural que o cabo assassino seja condemnado á morte e, commutada depois a pena, vá morrer n'uma prisão, arrependido do crime, cheio de saudades da mulher e dos filhos. O outro, se continuar a ganhar dinheiro, será por esse mesmo tempo um cavalheiro respeitavel.

João da Camara.

O Elogio Historico de Pinheiro Chagas por H. Lopes de Mendonça

Foi no dia 8 do corrente que na grande sala da Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, estabelecida no extincto convento de Jesus, se realisou a sessão solemne, presidida por S. M. El-rei D. Carlos, para a leitura do elogio historico de Manoel Pinheiro Chagas, por Henrique Lopes de Mendonça.

Poucas vezes se terá reunido n'aquella sala tão selecto auditorio. Nas cadeiras do throno e ao lado d'El-rei sentaram-se SS. MM. as Rainhas D. Amelia e D. Maria Pia e S. A. o Infante D. Affonso.

Na primeira meza á esquerda do throno tomaram os seus respectivos logares os srs. conselheiros Veiga Beirão, vice-presidente da Academia, e presidente da 2.ª classe, Pina Vidal secretario e presidente da 1.ª classe e Sousa Monteiro, secretario da 2.ª classe.

Membros do corpo diplomatico, socios da Academia e suas familias, representantes de corporações scientificas e litterarias, da imprensa e convidados occupavam na sala e na galeria os logares que lhe eram destinados. Estava a familia de Pinheiro Chagas.

As damas com suas elegantes e vistosas toilettes davam a nota festiva e brilhante á sala.

Com a devida venia ao augusto presidente, o sr. Veiga Beirão declarou aberta a sessão e leu breve mas erudicto discurso sobre a fundação de Academias e seus fins, a que se seguiu a leitura do relatório dos trabalhos Academicos dos ultimos annos, pelo sr. Pina Vidal.

Em seguida foi concedida a palavra ao illustre academico sr. Lopes de Mendonça, que leu o bem elaborado elogio historico de Pinheiro Chagas.

O elogio foi digno do grande vulto da litteratura portugueza a que era dedicado.

D'essa esplendida obra litteraria damos em seguida um excerpto que muito amavelmente nos

foi cedido pelo auctor, e que nós reconhecido agradecemos.

«Nós porém temos de cingir-nos a este atomo de eternidade em que nos coube a vida, a este nonada da poeira universal em que nos foi dado entrar na communhão dos seres. A ambas essas minimas parcelas de espaço e de tempo, a nossa patria e o nosso seculo, ficará em grande parte circumscripção a luminosa influencia de Pinheiro Chagas, por isso que ás suas maximas radiações falta o poder immenso de diffusão. Nós fomos felizes ainda, nós todos que lográmos onvir o seu verbo suggestivo e fluente, coado pela voz vibrante como um clarim de batalha, entrajado no gesto largo e soberbo, aquecido pelos transportes de uma alma apaixonada e leal. Esse dom oratorio é que foi por certo a sumula, a essencia dos seus variados talentos. Todas as mais bellas manifestações do seu vigoroso engenho são, já o disse, modalidades diversas de uma faculdade predominante, a eloquencia.

Na tribuna ou na cathedra, esse admiravel talento, cuja elasticidade tanta vez fora posta a prova, readquiria naturalmente o seu pleno e majestoso equilibrio: A turgidez musical da phrase, que na escripta pode ás vezes enlanguescer o pensamento, dava-lhe ao contrario, pela sonoridade da expressão declamada, um forte relevo onomatopaeico. Cada discurso de Chagas era uma symphonia arrebatadora. Reboava o trovão nas apostrophes; os threnos rolavam plangentes como um tanger de campanario; estridulava a ironia como um retinido de esquillas argenteas; estrugia a tuba canora nos arrancos do entusiasmo; crepitava o gracejo com o um telintar de soalhas de crystal. Quando o eximio orador se preparava para falar, o sussurro do auditorio paraphraseava o celebre dicto dos operarios de Paris, á espera do verbo dominador de Lamartine:

— *Allons entendre de la musique!*

Mas o genio oratorio de Pinheiro Chagas não teve, como o de Lamartine, ambiente propicio á cabal expansão. Uma eloquencia caudalosa á fervida, impetuosa e colorida, mais suggestiva do que persuasiva, mais afogueada de raptos epicos do que refrigerada por bafagens de idyllio, esbarra, n'um esvoaçar de agua espantadica, de encontro ás portas cerradas do templo de Jano. Não a inspira o candido aspecto virginal de Astrea, e esmorece de pura inanición quando a charamela bucolica celebra o advento pacifico de Saturno:

Jam redit et Virgo, redeunt saturnia regna.

E' evidente que o coração de Pinheiro Chagas, assim como o nosso, affecto ás doçuras da paz, contraditava os impulsos inconscientes do seu genio. Tanto os contradictava que a sua ponderada razão se mostrou sempre avessa a radicalismos, mantendo-se, em arte e em politica, nos limites de um conservatismo cautelosamente progressivo. Em condições diferentes da atmosfera social ou sob a influencia de opiniões menos contemporizadoras, a sua palavra podia ser fulminante como raio. Assim, viu-se muitas vezes reduzida ao mister, mais proficuo mas menos brilhante por certo, de pára-raios.

Não quer dizer isto que lhe tivessem minguido oportunidades de se desenvolver em todo o seu esplendor offuscante. Ainda hoje, quando ensejos semelhantes se deparam na pacatez do viver nacional, a evocação saudosa do nome de Chagas acode insensivelmente a todos:

— Se elle estivesse aqui!

Aqui, isto é, onde quer que se realize uma consagração gloriosa, uma festividade patriótica, onde seja preciso, sobretudo, revestir-nos perante estrangeiros de todas as galas fulgurantes da eloquencia.

Ah! o bom nome da patria estava em seguras mãos, quando a Chagas o confiavam dentro e fora de terras portuguezas! Basta recordar esses triumphos colossaes de Madrid e de Paris, que o irmanavam, no conceito dos ouvintes, ao maior orador da Peninsula, e porventura do seculo XIX, a Emilio Castellar. E que ouvintes de paladar difficil! Hespanhoes que o orgulho nacional inebria e obceca, sobretudo francezes, habituados, como os gregos e os romanos, a prodigalizar para além das fronteiras o epitheto de barbaros! Pois a estes ainda Pinheiro Chagas dominou de todo; em acclamações retumbantes transformou a sua desconfiança ironica, quando, na propria lingua d'elles, evocou as remotas recordações de Mirabeau; quando, n'um raptio digno do grande orador revolucionario, pronunciou aquella formidavel apostrophé, que na memoria de tantos permaneceu:

— *On vous accuse souvent d'allumer des incendies; mais, quand la France brûle, elle eclaire le monde!*

Por isso, em occasiões identicas, se lamenta a ausencia d'essa fulgida palavra que nunca mais nos deslumbrará. E n'este mesmo instante a minha consciencia reflecte melancolicamente aquelle apophtegma de um grande maestro, o qual, entre Meyerbeer morto e um compositor que lhe dedicava uma elegia musical, preferia a inversão dos papeis....»

H. Lopes de Mendonça.

UM PASSEIO EM LISBOA

(Continuação do n.º 910)

Deixando o edificio de S. Roque, séde da Misericordia, desde 1768, e, passando rapidos olhares pelo acanhado largo, que notamos? Recordações, tudo recordações; vestigios de sociedades extinctas, mas de não extincta memoria.

Alguram-se-nos phantasticas visões, escutam-se echos longiquos.

Tudo se sumiu no eterno abysmo dos tempos e na eterna ingratição dos homens! O que a lima dos annos não attinge, aniquila-o a innovação estulta, que desconhece reliquias historicas, que sorri do culto do passado.

Assim do pequeno largo de S. Roque desapareceu a celebre torre de Alvaro Paes, chanceller-mór do reino e que tanto se distinguio no tempo do mestre d'Aviz.

Levantava-se a preciosa reliquia como recordação de um homem illustre e d'uma epoca illustre, junto ao palacio, de que veio a fazer parte, dos marquezes de Niza, descendentes de Vasco da Gama.

Foi respeitada por estes titulares que, não obstante, edificarem a sua casa e transformações por que a fizeram passar, comprehenderam que a velha e arruinada torre de tão inclito varão, longe de lhes desfigurar a propriedade, pelo contrario, a nobilitava. Era um braço que não obscurecia outro braço.

Não se honrou o palacio dos Nizas só pelo seu dignissimo procedimento com respeito á reliquia historica de Alvaro Paes, mas foi habitação de principes da Egreja e templo d'arte.

De facto, aqui, residiram os dois primeiros patriarchas de Lisboa, D. Thomaz d'Almeida e D. José Manuel e teve a sua installação o popular theatro do Bairro Alto, onde representaram companhias portuguezas e estrangeiras.

Fez, aqui, a sua estreia auspiciosissima o eminente dramaturgo, Almeida Garrett, que, com vinte e dois annos de idade e ainda estudante, levou á scena o seu drama *Catão*, revelando-se, desde logo, o artista de fina tempera que, mais tarde, deveria reformar o theatro portuguez.

Com tão honrosas tradições, a antiga casa dos descendentes do heroe da India, embora, hoje, não preencha funcções de ordem moral que mais brilho deem á fidalguia dos seus primitivos possuidores, é sede da Companhia Lisbonense de Carruagens e, por conseguinte, installação de uma prestimosa empresa de Lisboa.

Não nos retiremos do largo de S. Roque sem fazer menção do seu monumento, vulgarmente, chamado *palmatoria*, por ter a fórma da terrível férula das escolas.

Foi erecto pela colonia italiana para celebrar o casamento da Senhora D. Maria Pia com o finado rei D. Luiz. Grato penhor de fraternidade entre os dois povos latinos que, ligados por reciproca amisade, teem mantido, sempre, entre si, a mais inalteravel harmonia.

Descendo a vertente de S. Roque, encontramos na Praça de Luiz de Camões.

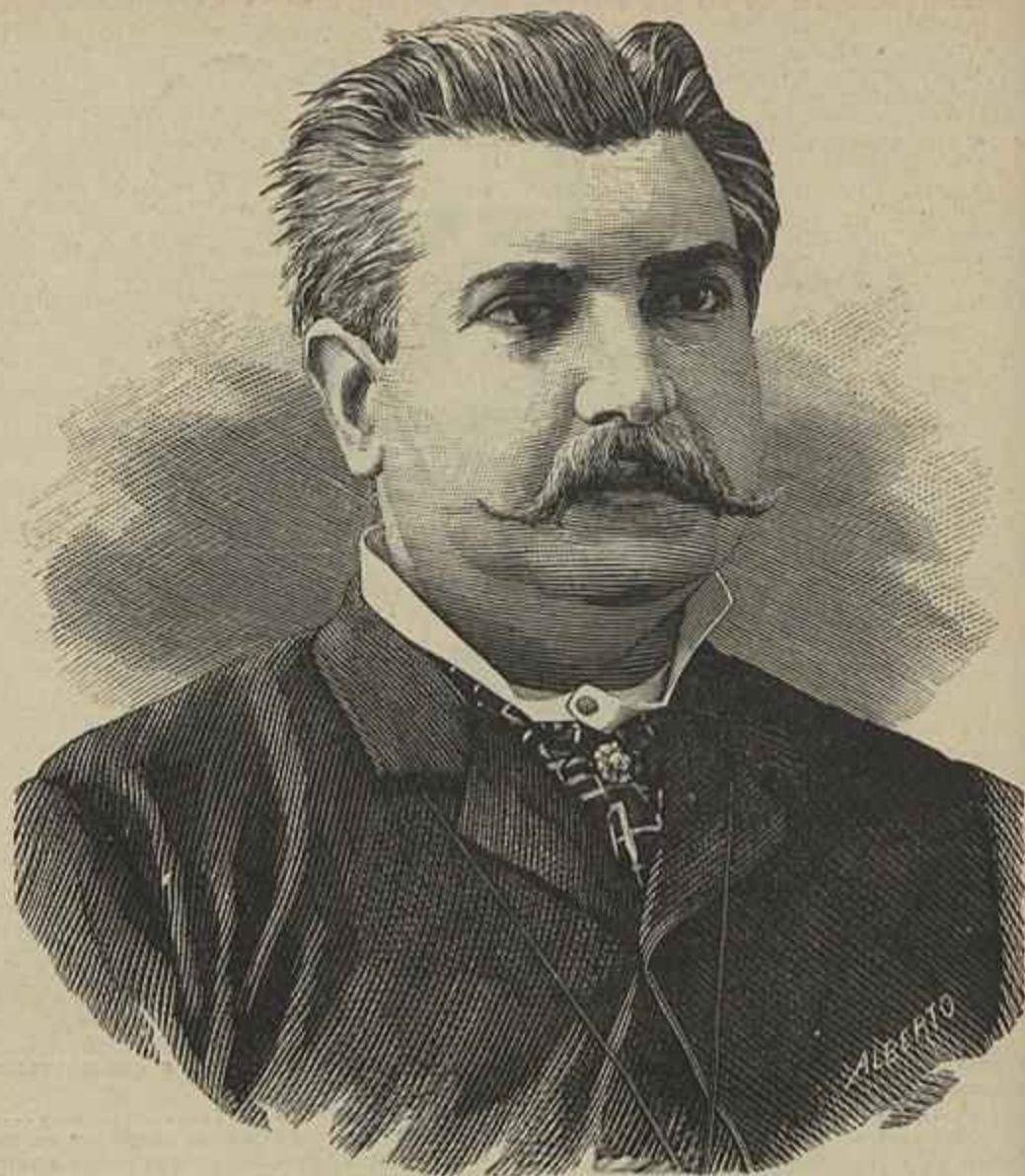
Alguem, que passe n'este largo arborizado, cingido por bons predios e ostentando a estatua do famoso epico, estará, talvez, longe de suppôr, que, ha meio seculo antes, aqui campeavam uns pobrissimos casebres, dando a nota da miseria a um dos pontos mais centraes da nossa Lisboa.

Eram as ruinas da casa dos marquezes de Marialva, palacio, que tendo soffrido profundos estragos com o terremoto de 1755, foi, depois, aproveitado com pequenos arranjos para moradia de familias pobres. Nas trazeiras do velho edificio corria a Travessa dos Gatos, para onde tinha porta reservada e por onde conseguiu escapar-se, ás iras do *Santo Moim*, a marqueza de Marialva com suas filhas.

Corria o anno de 1663 e nas luctas da Independencia que, tão energicamente, sustentámos com os castelhanos, tivemos a fatalidade de perder a cidade de Evora.

O facto produziu, como era natural, profunda impressão na capital e determinou uma excitação grande no povo que começou, aliás sem razão, a desconfiar do valor e patriotismo dos nossos generaes a quem estava incumbida, no Alemtejo, a defeza da patria.

As desconfianças, que, em breve, se converteram em odio, recahiram, principalmente, sobre o



MANUEL PINHEIRO CHAGAS, EM 1895

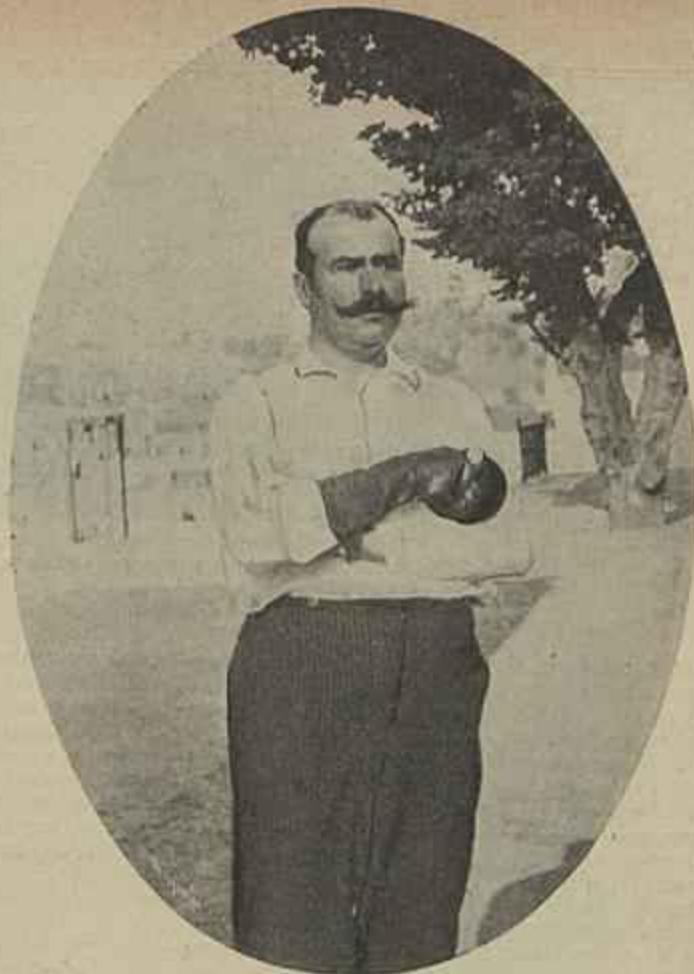


SALA DA BIBLIOTHECA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS ONDE SE REALISOU A SESSÃO SOLEMNE PARA A LEITURA DO ELOGIO HISTORICO DE M. PINHEIRO CHAGAS

(Photographia do sr. A. Bobone)



S. M. EL-REI D. CARLOS PRESIDINDO AO JURY
S. S. M. M. AS RAINHAS NA GALERIA



EDUARDO ROMERO — UM DOS INICIADORES DA «POULE»



ASSALTO ENTRE OS SRS. EDUARDO ROMERO E SOLANO, (4.º premio)



ASSALTO AO SABRE ENTRE OS SRS. FURTADO COELHO
E BARÃO DE LAGO



O PROFESSOR ANTONIO MARTINS
DIRECTOR DE CAMPO



ASSALTO ENTRE OS SRS. CANDIDO FERNANDES E PINTO MACHADO (2.º premio)

«POULE À L'EPÉE À POINTE D'ARRÊT» NA TAPADA DA AJUDA
(Instantaneos do sr. Benotiel)



O ESTADO MAIOR DO GENERAL

valente marquez de Marialva, que, tido como traidor, soffre os excessos da colera popular.

A plebe amotinada corre ao palacio do illustre fidalgo, pratica toda a casta de tropelia, invadindo a habitação e preparando-se para lhe lançar fogo. Foi n'esta critica conjunctura que a marquez e sua familia procuraram, na fuga, a salvação, indo refugiar-se no convento da Esperança.

O palacio não chegou a ser incendiado pela intervenção, a tempo, do conde de Sarzedas, que conseguiu fazer retirar os amotinados; as inconvenientissimas desordens, resistindo ás providencias da auctoridade, só vieram a dissipar-se pela intervenção religiosa, (motivo por que se ficou chamando a este disturbio, ainda que muito imprópriamente, *Santo Motim*) saindo algumas comunidades, em procissão, dos seus conventos para implorar paz e concordia.

Final, esse nobre titular e valente militar, tão indignamente, julgado e, gravemente, offendido, foi quem, sem ter a responsabilidade da perda de Evora, mais temerariamente, contribuiu para a sua reconquista.

Nesta moeda, pagam as almas grandes as offensas da paixão mesquinha!...

Demolidos os casebres do Loreto de triste memoria, abre-se a actual praça que se honra de ser escolhida para a erecção do monumento ao sublime vate.

A homenagem, embora tardia, veio, emfim, pagar a divida da nação ao seu cantor e, a esse preito de gratidão, se vincula o nome de um contemporaneo de merito, ha annos fallecido, Victor Bastos, o distincto esculptor que, não só executou a obra, como, muito patrioticamente, a promoveu. Honra lhe seja.

Transpondo a Rua do Loreto, com destino ao Calhariz, encontraremos, n'este largo, á direita entre a rua d'Atalaia e a da Rosa, o sumptuoso palacio dos morgados de Calhariz, duques de Palmella, ampliado pelo primeiro duque D. Pedro, que, para esse fim, tomou á Camara o espaço da Rua do Trombeta, que vinha abrir-se no Largo do Calhariz, obrigando-se a macadamisar a Calçada do Combro, que era de difficilissimo transito.

Esteve n'este edificio, durante alguns annos, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Um pouco mais adiante, entre a Rua da Rosa e a do Carvalho, hoje, Luz Soriano, em homenagem a este benemerito cidadão e consciencioso historiador, campêa a bella casa dos condes de Sobral, completamente reedificada e onde, presentemente, estão alojadas as repartições da Caixa Geral dos Depositos.

para o Tejo e que era um sympathico e respeitavel signal para os mareantes.

A Rua do Almada, que lhe fica contigua, recorda um vulto distinctissimo da nossa historia, o grande Alvaro Vaz d'Almada, conde de Abranches e dedicadissimo amigo do nobre duque D. Pedro, por quem combateu até ao ultimo alento, na batalha d'Alfarrobeira, depois de ter praticado rasgos de extraordinaria valentia e de nunca desmentida lealdade.

Por morte d'este personagem, foram os seus bens confiscados, como réo de alta traição e o seu palacio, situado na extremidade norte da Rua do Almada, ou fazendo esquina da Rua da Cruz de Pau para o Largo do Calhariz, foi doado a Alvaro Peres de Tavora e ficou na posse dos descendentes d'este, até ao marquez de Vallada, ultimamente, fallecido e representante ultimo dos Tavoras, que o vendeu ao ex^{mo} conde d'Azambuja, seu actual proprietario.

A Rua da Cruz de Pau conduz-nos, directamente, ao Alto do Belvêr ou de Santa Catharina.

E' um dos logradouros mais recreativos de Lisboa, pelo seu excellente panorama e desafogo; era ponto de reunião dos nossos avós que, ali, passavam as tardes de verão, discutindo politica, lendo as gazetas e, ... como diz a phrase popular, *vendo navios*.

Em 1591, transformou-se esta pittoresca collina, que, então-se estendia até ao Tejo, em medonho abysmo.

Abateu repentinamente escondendo-se nas en-



ESGRIMA DE BAYONETA

Nesta propriedade, se installou a Academia das Sciencias, depois de ter estado no velho palacio do Beco do Carrasco. A utilissima e douta aggremação, aqui, permaneceu, até á sua mudança definitiva para o convento de Jesus, que será o termo da nossa modesta excursão.

Em frente do palacio Sobral, estende-se a Rua do Marechal Saldanha, antiga Rua da Cruz de Pau, assim chamada por causa da alta cruz de madeira, que existia na sua extremidade que olha

tranhas da terra, com as suas cem casas, três ruas e um caes!

Foi um lamentavel sinistro que encheu Lisboa de panico e em que se perderiam centenaes de vidas, se um homem, diz-se, verdadeiramente, providencial, presentindo a fatalidade, não corresse a prevenir os habitantes do monte, gritando que se salvassem.

(Continúa)

Damasceno Nunes



ACAMPAMENTO



FORMATURA DA BRIGADA

A REVISTA MILITAR NO HYPPODROMO DE BELEM

(Instantaneos do sr. Benoliel)

«Poule á l'épée á pointe d'arrel»

Foi no dia 25 de abril, findo, que se realizou na Tapada da Ajuda, no recinto do tiro aos pombos a poule organizada pelos srs. Marcelo Alvear e Eduardo Romero, a que assistiram SS MM El-Rei e as Rainhas, Senhoras D. Amelia e D. Maria Pia e S. Alteza o sr. Infante D. Affonso.

Na poule tomaram parte os srs. Sebastião Heredia, (Ribeira Brava), Candido Fernandes, Cezar de Mello, Pinto Bastos, Sulano, Eduardo Romero, Leone Pinto Machado, Mario Duarte e João Vieira da Silva.

O jury era presidido por El-Rei D. Carlos, conde de Figueiró, coronel Duval Telles, D. Fernando Serpa, marquez de Lierta e Furtado Coelho. Dirigiram o combate os srs. viscondes de Reguengos (Jorge) e o professor Antonio Martins.

A poule dividiu-se em duas series eliminatórias, ganhando-a os srs. Sebastião Heredia e Candido Fernandes. Especialmente o ultimo assalto entre os srs. Heredia e Fernandes foi energico e mereceu as felicitações dos circumstantes.

Entre os srs. barão de Lago e Furtado Coelho houve, no intervallo um magnifico assalto de sabre, em que ficou vencedor o sr. barão de Lago.

Os premios constaram d'uma salva de prata, offerta de S. M. El-Rei; dois sabres, offerta do sr. Loureiro e outros dois do sr. Alvear; e uma cigarreira e phosphoreira de prata esmaltada offerta do sr. marquez de Lierta.

Os premios foram distribuidos aos vencedores por S. M. a Rainha Senhora D. Amelia.

Revista militar

No hyppodromo de Belem realisou-se no dia 30 de abril a revista militar á 1.ª brigada de infantaria, commandada pelo sr. general Kchenbuck dos Prazeres.

A revista seguiram-se diferentes exercicios executados pelo batalhão de caçadores n.º 2; regimentos de infantaria 1 e 2, na presença do sr. general Craveiro Lopes, commandante da divisão militar.

Depois dos tres corpos desfiliaram em continencia diante do sr. general Craveiro Lopes executaram o manejo de armas e esgrima de bayoneta; fogo de descargas por pelotões; exercicios livres de gymnastica; evoluções de batalhão em ordem unida, terminando com fogo por descarga e fogo por pelotões, estando o batalhão em linha; manobras dos cyclistas e exercicio de batalhão em ordem dispersa.

Durante as evoluções acima foram pelo 2.º batalhão de infantaria 2, armadas as tendas de abrigo, dispostas em columna de batalhão; pelo pelotão de sapadores do batalhão de caçadores 2, construída uma pequena ponte de madeira e pelo batalhão de infantaria 2 as tendas de abrigo.

Commandava caçadores 2 o sr. tenente coronel Celestino da Costa; regimento de infantaria 1, tenente coronel Macedo de Brito; regimento de infantaria 2, coronel Bessa.

O estado maior do sr. general da brigada era composto dos srs. Cruz, capitão de brigada, e tenente Couselado, ajudante; e o estado maior do sr. general Craveiro Lopes, composto pelos srs. coronel Martins de Garvalho, chefe do estado maior da divisão tenente coronel Abel Botelho, major Ermitão, capitão Carde, ajudante do estado maior Sobral e tenente Vianna.

SEGREDO CONFESSADO

De noite nem sequer pensava n'elle. De dia, porém, quando os ruidos da rua chegavam até os seus aposentos, amortecidos pela distancia e pelos cortinados, quando entreabria os olhos á luz, repousado o corpo por um descanso proporcionado á vigilia e bastante para aquella mocidade, então não podia evitá-lo: o seu primeiro pensamento era para elle.

Na posse de todas as suas faculdades physicas e intellectuaes, o amor não lhe tinha feito perder o appetite, nem lhe havia afugentado o somno. Já sabia que o amor só nos causa mal quando é uma aspiração grosseira.

Para Marianna não existiam os romanticismos que convertem os rapazes de trinta annos, vestidos com a prosaica sobrecasaca, em seres ideaes; mas, se não eria nos anjos barbudos, também não sonhava com Hercules ou Apollo. Se lhe perguntassem, não sendo o seu amor um segredo, por-

que amava Pedro não saberia responder; que-ria-o, por isso, porque era Perico.

Perico, de quem não podia dizer-se que era galante, melancólico, ou feio, ou bonito, ainda que era mais bonito do que feio, sobrio de gestos, de expressão viva, atrevido sem impudencia, sério sem affectação, Perico, repito, era um homem, como haverá muitos, mas como Marianna vira poucos.

Tinham sido vizinhos durante muitos annos! Como a amizade era antiga, conservaram o habito contraído em pequenos de se tractarem de tu; o tractamento, porém, não foi posto de parte nem para salvar as apparencias nem para se esquecerem as distancias.

Marianna teve um como que presentimento d'aquelle amor em vida do bom Gerardo, não porque passassem nuvens por aquella limpida frente; sobre essa frente nunca se projectára sombra alguma além da dos seus annellados cabellos negros; tinha a alma mui san para que ideias de villezza podessem invadi-la. Mas, sem que soubesse porque, a vista de Pedro, durante a existencia de Gerardo, tornava-a doente. O lucto passou e o pezar diminuiu, dando attenção aos vivos, lembrando-se dos mortos. Do casamento com Gerardo houve dous filhos: Pedrinho e Therezinha, que tinham estes nomes, por serem os dos avós paternos.

Por essa epocha, Therezinha permanecia mais no collegio do que em casa. Sem chegar á clausura, que priva os filhos do affecto do lar, era forçoso resignar-se ás conveniencias d'uma posição mais do que folgada e teve de optar pelo semi-internato.

Pedrinho era o filho posthumo de Gerardo e por isso era muito estremecido pela mãe que sempre o tinha a seu lado. Contava apenas cinco annos.

Era muito meigo. Marianna sempre arranjava pretextos para dizer porque o estimava muito; nunca confiou a si propria que o nome do filho lhe lembrava ao coração o de Perico; para o evitar, com mysteriosa e sancta fidelidade para com o defuncto marido, Marianna deixou de tractar a creança por Perico; adoptou a desinencia *Padrinho*, repetida tantas vezes como querendo fazer-se superior a essas ninharias.

Sem que fosse supersticiosa, atontava-a a ideia de que aquelle filho, que não conheceu pae, havia de conhecer padraсто. Parecia-lhe, ao deitar-se no leito de que o marido partilhara, que n'elle não cabia seguudo; Marianna, que era raro sonhar, acordou uma unica vez sobresaltada: encontrára-se na cama entre o morto e o vivo, com a particularidade de que Gerardo era o vivo e Perico o morto! Accendeu a luz e deteve-se a orar com uma fervorosa fé para que Deus fizesse annullar aquelle amor que tinha toros de profanação. Era dia claro quando se ergueu e, estando com Pedrinho ao collo, annunciaram-lhe a visita de Perico.

—O quê, tam cedo?—perguntou, e, ao fallar, tremiam-lhe os labios.

—Venho despedir-me, Marianna! . . . tornou Perico com a sua costumada seriedade.—Parto esta noite para Allemanha; é uma pura viagem de recreio.

—Mes tu não conheces o allemão!—observou a viuva com affectuosa exprobração.

—Aprendê-lo-hei assim e lucrarei com isso.

—Vaes á Allemonha?—interrogou Pedrinho, que do collo da mão passára aos joelhos de Perico, mexendo-lhe na gravata com as suas mãositas brancas.

Marianna tinha um nó na garganta que não a deixava exprimir-se, mas o pequenito, dando uma nota intensa, que não podia medir-se, exclamou:

—Vaes para tam longe! E eu que sonhei a noite passada que casavas com a mamansinha!

Marianna ficou petrificada. A creança com a sua ingenuidade decifrára o enigma.

Perico redarguiu, balbuciando, pela primeira vez, em sua vida:

—Isso não pôde ser, vida minha!

—Ora, porquê?

—Porque tua mamã não queria.

E Perico, expressando-se d'esta forma, que-rou-se a soluçar como uma creança.

—Porque não? . . . Mais do que á minha vida!

—e Marianna ao fazer semelhante confissão, pôz-se de pé, encarnada como uma roman, tremendo toda e rogando a Deus que benzesse a casa. Tinha descoberto o seu segredo. E em que occasião? Na presença do filho!

Pedrito, muito abysmado com o que não acertava em ver nem ouvir, tirou-se dos joelhos de Perico e disse com essa gravidade das creanças, quando querem imitar os maiores:

—Então, tonto, não chores; os homens nunca choram!

E, como admirando-se do seu proprio discurso, pôz-se a cavallo sobre a perna direita de Perico.

Henrique Marques Junior.

COMPENDIOS DE DESENHO

(Do professor José Miguel d'Abreu)

E' o sr. José Miguel d'Abreu auctor de uma serie de compendios todos destinados ao ensino do desenho, de que é antigo professor, na cadeira de desenho annexa á faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, e na do Instituto Industrial e Commercial do Porto.



JOSÉ MIGUEL D'ABREU

Em o n.º 462 do OCCIDENTE de 21 de outubro de 1891 tivemos occasião de nos referir aos *Problemas de Desenho Linear Rigoroso*, do sr. José Miguel d'Abreu, apreciando devidamente esse trabalho, complemento dos compendios de *Desenho Linear Elemental* do mesmo auctor, que tanto tem auxiliado este ramo de ensino, acompanhando todo o desenvolvimento que os programmas officiaes tem permittido, indo sempre o sr. Abreu na vanguarda dos progressos do ensino, como se vê das successivas edições dos seus compendios, sempre melhoradas e desenvolvidas, pela muita pratica que o auctor tem do magisterio, e pelo seu aturado estudo do que lá fora se indica para aprefeiçoamento do ensino de desenho em geral.

O mesmo se pôde dizer dos compendios de desenho, do ensino secundario destinados ás classes do 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos dos lycées, obra feita de collaboração com o professor o sr. Antonio Luiz de Teixeira Machado, coronel de infantaria, do qual é o bem elaborado prologo do compendio da primeira classe.

Em harmonia com os programmas de ensino da reforma de 18 de outubro de 1902, elaborou o sr. José Miguel d'Abreu os *Exercicios de Desenho*, do ensino primario para a 1.ª, 2.ª e 3.ª classes do 1.º grau e 4.ª classe do 2.º grau com os respectivos cadernos de desenho.

Sabemos que a commissão technica não regeitou estes *Exercicios de Desenho* porque encontrasse erros na obra, e tanto basta para honra do sr. Abreu, que deresto tem os seus creditos bem firmados como professor de escolas superiores, e auctor de compendios por onde milhares de estudantes tem aprendido desenho n'estes ultimos vinte annos.

Nas Escolas Industriales do Porto, no Instituto Commercial e Industrial da mesma cidade assim como em grande parte das escolas primarias e secundarias do paiz, tem sido adoptados os compendios do sr. José Miguel d'Abreu, o que, sem duvida, é a prova mais evidente do merecimento e valor da sua obra.

C. A.

NECROLOGIA

BISPO DE ANGRA

Com 60 annos incompletos de idade morreu em Angra de Heroismo, no dia 24 de abril, o rev.º bispo d'aquella diocese sr. D. José Manuel de Carvalho.

Nascera em Lourigo, diocese de Vizeu, a 15 de



D. JOSÉ MANUEL DE CARVALHO
BISPO DE ANGRA

setembro de 1844, e a sua nomeação para bispo de Macau datava de 10 de abril de 1897, indo essa nomeação surpreendê-lo em Vizeu, onde exercia ao tempo o lugar de professor do lyceu d'aquella cidade.

Ahi se conservou até 1901, anno em que vindo

à metropole para tratar da sua saúde já bastante abalada pelas febres que em Macau o tinham assaltado, obteve a sua apresentação na mitra de Angra do Heroísmo, vaga pela transferencia do sr. D. Francisco José Ribeiro Vieira de Brito para a Sé de Lamego, por se ter dado o fallecimento do respectivo prelado sr. D. Antonio Leitão de Castro.

O sr. D. José Manuel de Carvalho era um prelado conspicuo e um coração accessível á compaixão e affeito á pratica da caridade.

Alguns condiscipulos do sr. D. José Manoel de Carvalho, entre os quaes se contam o sr. conselheiro Jacintho Candido, que lhe consagrava verdadeiro affecto de irmão, telegrapharam ao saber a sua morte, ao irmão do illustre prelado sr. dr. Maximino de Mattos Carvalho, residente em Coimbra, que d'ali lhes enviou a confirmação da triste noticia.

Fôra o sr. conselheiro Jacintho Candido, que, sendo ministro da marinha e ultramar em 1897 referendou o decreto nomeando o seu particularissimo e velho amigo, bispo de Macau.

JACINTHO SIMÕES FERREIRA DA CUNHA

Victimado por uma *angina pectoris* falleceu no dia 14 de abril na sua residencia na Avenida da Liberdade, o sr. conselheiro Jacintho Simões Ferreira da Cunha, antigo deputado e chefe da repartição do ministerio do Reino, logar em que se aposentara ha annos.

Tendo-se formado em direito iniciou a sua carreira publica desempenhando o logar de administrador de concelho em Proença, Peniche, Obidos Alcobaça e outras terras do reino.

Em 1879 passou de administrador a exercer o cargo de secretario geral do governo civil de Evora e depois de Coimbra, e em 1881 foi nomeado, precedendo concurso, 1.º official do ministerio do reino, sendo depois elevado a chefe de repartição.

Filiado no partido regenerador foi deputado ás



CONSELHEIRO JACINTHO SIMÕES
FERREIRA DA CUNHA

côrtes pelo antigo circulo de Alcobaça, fazendo actualmente parte do centro regenerador liberal, em que se filiará, depois da scisão do conselheiro sr. João Franco de quem elle era admirador politico.

O sr. conselheiro Ferreira da Cunha foi tambem um advogado distincto a no exercicio d'aquella carreira esteve alguns annos em S. Thomé para tratar de negocios do Banco Ultramarino, tornando-se ali agricultor e adquirindo vastos terrenos que cultivava.

LOJA DO LOPES

(Socio-gereute que foi dos Armazens de S. Roque)
Armazem de Fazendas e Modas
LISBOA — 111, 113, RUA DE D. PEDRO V, 115, 117 — LISBOA

ARTIGOS DE RETROZEIRO
MODAS E ATELIER DE MODISTA
espartilhos barba azeitada. Modelo EVA HUMBERT

Fazem-se tambem de encomenda para o que ha espartilheira para ir tomar medidas e provar a casa das freguezas.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS: Senhores — ás 10 horas da manhã

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Empreza de Carruagens Fidelidade

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences

PARA TODOS OS SERVIÇOS

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Fraça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e ecclha do assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição **Martins** comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram: Família Real Portuguesa e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do pais, assumptos militares, maritimos, agricolas, tauro-machicos, theatraes, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas

BERLITZ SCHOOL

LINGUAS VIVAS

Lisboa	Porto	Coimbra
Rua do Alecrim	Largo dos Loyos	Vianna
20 A.	14	Braga

Ensino pratico por professores estrangeiros

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 414, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA

Livraria Viuva Tavares Cardoso

5 — Largo de Camões — 6

LISBOA

Publicações recentes:

Contos e casos, por D. Thomaz de Mello e Oliveira Mascarenhas, 1 vol.	600
A felicidade conjugal, por Leão Tolstoi, traducção de Joaquim Leitão, 1 vol.	600
A gente nova, por Pedro Kropotkine, traducção de Affonso Lopes Vieira, 1 vol.	400
Manual de esthetica do Dr. Mario Pilo, 1 vol.	600
Phenicios e Carthaginezes (os navegadores e conquistadores) pelo Dr. J. M. Pereira de Lima, edição artistica profusamente illustrada de photogravuras, em papel couché.	800
Tiragem de 200 exemplares, numerados e rubricados pelo auctor, em papel especial.	2500
Poesias escolhidas (1898-1902) por Affonso Lopes Vieira, 1 vol.	500



TYPOGRAPHIA D'A CACA

DE

RICARDO DE SOUSA & COMMANDITA

Casa fundada em 1881 e premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial Portuguesa em 1888

Trabalhos typographicos em todos os generos

RUA NOVA DO LOUREIRO 25 a 29 — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephonico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do pais, em todos os trabalhos. Execução perfeita.